

# DA NECESSIDADE DE SE REPENSAR O ENSINO DE LITERATURA PORTUGUESA EM SÃO LUÍS-MA

## Abstract

*Reflexions about the little importance of Portuguese Literature teaching in São Luís-Ma, directed, almost exclusively, to the study of Brazilian and regional Literature. The possibilities of reversal of this situation are considered in this context, with the obligatory inclusion of Portuguese Literature programatic content in college entrance examination of UFMA.*

**Palavras-chave:** ensino; literatura portuguesa; valorização; vestibular.

## Introdução

Infelizmente é um fato: a Literatura Portuguesa em São Luís-MA ocupa espaço visivelmente secundário no ensino médio, superposta pela Literatura Brasileira e, em especial, pela Literatura Maranhense. A par desse fato, instala-se a contradição: como justificar tamanha indiferença em meio à forte e sensível presença da cultura de raiz lusíada na cidade (danças típicas, como o vira e o fado, construções arquitetônicas em forma de casarios com fachadas de azulejos pintados a mão (estes diretamente responsáveis pelo tombamento de São Luís como cidade Patrimônio de Humanidade)? Como alimentar semelhante desconsideração com o berço cultural e lingüístico que nos legou um Alexandre Herculano e, mais recentemente, José Saramago, contemplado com o prêmio Nobel de Literatura em 1998?

Até há bem pouco tempo atrás (cerca de um ano), ainda não havia se tornado obrigatória a inclusão do conteúdo programático de Literatura Portuguesa e da leitura de algumas obras fundamentais nos principais vestibulares do Estado. Mas graças à criação do vestibular seriado – PSG – , essa realidade se tornou possível, com a sua aprovação, a princípio relutante, das redes pública e privada de ensino médio. Quanto ao vestibular tradicional, as perspectivas de mudança já acenam favoráveis à Literatura Portuguesa, haja vista a sua inclusão obrigatória a partir do próximo exame vestibular que se realizará em janeiro de 2000.

No entanto, o campo da conquista ainda está longe de ser alcançado, na medida em que muito se há de galgar no terreno da orientação teórico-metodológica que norteie o ensino reestruturado não só da Literatura Portuguesa, mas da literatura como um todo, perdida num labirinto de movimentos e características descontextualizados, onde o fragmento da obra procura preencher, em vão, a leitura significativa de sentidos do texto integral.

## Proposta de reformulação

O estudo sistemático da Literatura Portuguesa no ensino médio, na maior parte do território brasileiro, remonta, inicialmente, ao século XII, à época dos trovadores medievais, com suas cantigas de amor, de amigo e de escárnio e maldizer. Esse período literário, que se estende até o século XIV, de inspiração provençal, é marcado substancialmente pelo lirismo popular, pela espontaneidade de sentimentos, que irá se refletir em toda a poesia portuguesa posterior. Semelhante gosto pela poesia lírica e intimista, cujo florescimento se dá no Trovadorismo, curiosamente será reconhecido como a fonte de inspiração do lirismo brasileiro, inegavelmente medieval. Daí reside a importância de seu estudo no ensino médio e, em especial, nos cursos de Letras, com a leitura e estudo de suas principais cantigas.

Já à época dos Descobrimentos portugueses, destaca-se, no teatro, Gil Vicente, popularmente conhecido no Brasil, mas, no caso particular do Maranhão, tem figurado, quase sempre, como um grande dramaturgo, com suas peças servindo exclusivamente como pretexto para o estudo do gênero dramático. Logo, relegadas a um plano secundário, em que não se privilegiam a leitura e a encenação de sua produção teatral. Postura controversa é assumida pela FUVEST (Fundação para o Vestibular – Universidade de São Paulo) que tem indicado em seus exames vestibulares a leitura, por exemplo, de *Farsa de Inês Pereira* e *Auto da Barca do Inferno*, peças reconhecidamente atuais, como afirma Benjamin Abdala Júnior, na medida em que nelas se destacam “procedimentos técnicos [que] podem ser aproximados dos de um Bertolt Brecht, [nos] seus enfoques satíricos [que] continuam a levar o espectador a re-

fletir sobre sua vida cotidiana. São textos que têm sido constantemente representados, às vezes seguindo o original, às vezes adaptando-o a situações de hoje, com personagens de nosso cotidiano. A hipocrisia e a ânsia pela ascensão social a todo custo mostram-se atitudes existenciais mais gerais, próprias de sociedades consumistas.” (ABDALA, 1996). No último vestibular seriado, realizado pela UFMA, o trecho de uma de suas peças pela primeira vez figurou entre as questões concernentes à literatura, porém apenas como pretexto para a constatação do gênero dramático.

Seguindo diacronicamente a história da Literatura Portuguesa, os estudantes do ensino médio deparam-se com a poesia épica e lírica de Camões, mundialmente lido e valorizado. No entanto, o que se evidencia, quando do estudo, em especial, da produção épica camoniana, representada por *Os Lusíadas*, é um certo temor, e, porque não dizer, pavor diante de uma obra de caráter eminentemente histórico-religioso e que perpassa, a título de cumprimento às convenções estabelecidas para o gênero clássico, pela mitologia greco-latina, numa inesperada simbiose de paganismo e cristianismo. Em que pese sua grandiloquência e sua erudição, tem-se valido, infelizmente, como pretexto para as atividades de análise lingüística, sobretudo nos casos em que se verificam inversões de sujeito-predicado-complemento que caracterizam, por excelência, os hipérbatos. Curiosamente, o que se constata é que nem do ponto de vista gramatical o estudo de *Os Lusíadas* tem sido satisfatório, dado o claro distanciamento do discurso camoniano da realidade atual da língua portuguesa e, com um detalhe, da língua portuguesa do Brasil, inegavelmente autônoma em relação à língua-mãe. A análise da poesia épica camoniana, para que possa ser bem compreendida e desmitificada, precisa ser contextualizada para o alunado do ensino médio, de modo que haja a apreensão de sua significação maior para a história de Portugal e o devido entendimento de sua elaboração formal, desenvolvida à luz do Renascimento e das teorias poéticas da época. Sem a devida contextualização de Camões e de sua obra, dificilmente esse quadro reducionista sofrerá transformações, e *Os Lusíadas* continuarão a servir apenas de texto-pretexto para as aulas disparatadas de análise sintática.

Ao que parece, é só a partir do advento do Romantismo português que esse distanciamento do ensino médio em relação à Literatura Portuguesa se torna menos crítico, visto que é nesse período que o estudante secundarista consegue estabelecer a ponte com a Literatura Brasileira e de onde extrai obras e autores com os quais intenta manter o contato prazeroso da leitura. O autor mais conhecido, com suas obras publicadas a preços populares, é indiscutivelmente Camilo Castelo Branco, indicado para o último vestibular seriado da UFMA e para o próximo vestibular tradicional. A escolha de *Amor de perdição* para ambos os vestibulares tem estimulado a análise mais sistemática do Ultra-Romantismo português.

Já o Realismo, talvez o mais conhecido e analisado pelos estudantes do ensino médio, devido, com

certeza, ao seu patente paralelo com a literatura realista produzida no Brasil no mesmo período, tem em Eça de Queirós seu maior representante, criador de romances de sucesso, como *O primo Basílio*, adaptado para a televisão pela Rede Globo, e *O crime do Padre Amaro*, em que faz críticas mordazes ao clero e à beatice hipócrita que o circunda. No Maranhão, sua leitura só se tornará obrigatória para o ensino médio a partir do próximo vestibular seriado, que será realizado ainda este ano. Com o intuito de facilitar o trabalho dos professores, despreparados para o estudo sistemático da Literatura Portuguesa, foi indicado o romance *O primo Basílio*, sobre o qual já há roteiro de leitura publicado pela editora Ática e, como já citado anteriormente, sua adaptação para uma minissérie na tevê. Pretende-se, nos vestibulares subseqüentes, que outros romances e contos de Eça sejam objeto de leitura e estudo, para que se conforme o hábito de incluí-los dentre os livros mais lidos anualmente no Maranhão.

Afora o Realismo, outro movimento estético de importância capital para o ensino de Literatura Portuguesa no ensino médio é o Modernismo que, num primeiro momento, se diferenciou do Modernismo brasileiro de tendência anarquizante. Assim é que surgiu a revista *Orpheu*, liderada por Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa e Almada Negreiros, responsáveis, sobretudo os dois primeiros, por uma literatura em que se identifica a ausência da identidade do eu, perdido na busca do outro e na realização através do sonho. Reconhecidamente o mais genial poeta de todos os tempos, Fernando Pessoa tem sido muito pouco trabalhado no ensino médio do Maranhão, com uma abordagem superficial do fenômeno da heteronímia, por si só altamente complexa. Mas o mais agravante é o total desconhecimento do poeta Mário de Sá-Carneiro e de sua obra máxima: *A confissão de Lúcio*, que já tem figurado há alguns anos nos vestibulares da FUVEST e da UNICAMP. Será novamente no vestibular seriado deste ano na UFMA que se dará a oportunidade ao aluno do ensino médio de ter contato com essa narrativa singular, desestruturante e poética, digna de compor o elenco das obras-primas da literatura universal.

Finalmente, é necessário que se efetive o estudo sistemático da Literatura Portuguesa contemporânea, a quem não se tem dado o devido valor e que, em função dessa indiferença, tem permanecido no ostracismo. É preciso que se aproveite o momento favorável da premiação de José Saramago com o Nobel de literatura e que sua obra seja lida, interpretada, difundida para que assim Portugal e sua história de glórias e fracassos ganhe o espaço merecido na literatura nacional, ao lado de Guimarães Rosa, Clarice Lispector, João Ubaldo Ribeiro, João Cabral de Melo Neto, etc.

## Conclusão

Ainda que a ênfase dada a esse trabalho tenha sido o estudo sistemático da Literatura Portuguesa a partir de sua obrigatoriedade nos exames vestibula-

res da UFMA, sustenta-se que essa deva ser uma prática regular que se estenda ao longo dos três anos do ensino médio, a fim de que se configure, ao lado da Literatura Brasileira e da Literatura Maranhense, a literatura de expressão portuguesa que faltava para completar o panteão da memória cultural de uma cidade de mais de trezentos anos, laureada com o título de Patrimônio da Humanidade e cantada em versos sempre, de geração a geração. José Chagas, poeta emérito da terra, embala, com emoção, o berço dos casarios de porta e janela com seus azulejos pintados a mão. Para ele, são "trezentos anos, duração de espaço/ numa amplitude de insulados tempos./ muito mais do que o mar nos cinge o traço/ colonial que delineia os templos.// mais do que o mar, circunda-nos o aço/ de velha guerra, exposto em sua têmpera,/ mais do que o mar, o brilho sem cansaço/ dos gênios de ontem, de amanhã e sempre." (CHAGAS, 1999).

### Referências Bibliográficas

*A literatura portuguesa em perspectiva*. Dir.: Massaud Moisés. V. 1 a 4. São Paulo, Atlas, 1994.

CHAGAS, José. *Os telhados*. São Luís, Edições AML, 1999.

FERRETI, Celso João et al. *Novas tecnologias, trabalho e exclusão: um trabalho multidisciplinar*. Petrópolis, 1984.

KUENJER, Acácia. Ensino médio: uma concepção unificadora de ciência, técnica e ensino. *SENEB. Politécnica no ensino médio*. São Paulo, Cortez, 1991.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. 25ª edição revista e aumentada. São Paulo, Cultrix, 1997.

SANTOS, Lucíola L. de C. P. História das disciplinas escolares: outras perspectivas de análise. *Educação e realidade*. Porto Alegre. V. 20, nº 2, jul/dez, 1995.

VICENTE, Gil. *Auto da Índia; Auto da Barca do Inferno; Farsa de Inês Pereira*. Adaptação e notas por Benjamin Abdala Júnior. São Paulo, Ed. SENAC São Paulo, 1996.